

mente esteve com o Secretário Executivo da Presidência da República e na oportunidade enfatizou que “o problema do Brasil é que atrás dos gabinetes tem muitos sacanas comprometidos com a inércia”, priorizando sempre o “princípio da precaução”, o argumento preferido dos incompetentes e descompromissados com o desenvolvimento econômico-social do Brasil, e ele concordou. “Ou seja, temos dificuldades porque essas questões no Brasil são morosas e tem a aprovação das referidas autoridades e a passividade da sociedade. A unanimidade é burra. O exemplo disso é que o Conselho Nacional da Aquicultura e Pesca (Conape, Brasília/DF), do qual sou conselheiro há sete anos, não conta com nenhuma Resolução ou orientação que aponte caminhos para o desenvolvimento do setor pesqueiro, que tenha sido adotada pelo governo”.

Em uma vã tentativa de contribuir para o fortalecimento da pesca artesanal, Rocha propôs que todo o apoio governamental ao setor de carcinicultura, fosse dispensado a um programa de carcinicultura familiar, mas a representante da pastoral da pesca afirmou que não interessava aos pescadores artesanais criar camarão ou peixes, pois o que eles querem são os rios do mesmo jeito que Cabral encontrou quando chegou ao Brasil, com todos os mangues, despolidos e cheios de peixes. “Depois disso me afastei do Conape por um ano, mas voltei em janeiro, sendo que já estou de malas prontas para me afastar novamente”, salienta.

Rocha relembra que em 1979, durante sua passagem por Israel, já se falava da potencialidade brasileira e todos se mostravam interessados em conhecer o Brasil. “Passaram-se 32 anos e pouca coisa mudou. Em outros países a cadeia produtiva da pesca e aquicultura evoluiu. Em 1997 o Vietnã produzia 20 mil toneladas de Pangasius, exportando sete mil toneladas para cinco países. Em 2010 essa produção passou para 1,5 milhões de toneladas, com exportações de 648 mil toneladas de filé, para 130 países. Isso tratando-se de um bagre muito fraquinho, comparado com similares brasileiros. Imaginem se colocarmos no mercado os peixes nobres que o Brasil possui, será uma revolução no mercado mundial de pescado”, confessa.

**De grão em grão.** Rocha bate na tecla de que o setor precisa ser mais bem explorado. Pois, gera emprego e renda, especialmente para a abundante mão de obra não qualificada, além de explorar as condições

## A morosidade gera recuo

E se ao longo desses anos o Governo Federal não viabilizou importantes investimentos para o setor, a iniciativa privada também se manteve recuada, notadamente pelas dificuldades e insegurança para a obtenção de Licenças Ambientais e, conseqüentemente, financiamentos. Para se ter uma ideia, segundo levantamento realizado pela ABCC, o Brasil conta com apenas 11 empresas dedicadas a produção de rações para alimentação de camarões. Segundo fontes desta indústria, as Unidades dedicadas à produção de alimentos para o segmento aquícola, são dedicados basicamente para Tilápias e Camarões Marinhos.

### Fábricas de Ração para Camarões e Peixes no País

Estados	Fábricas de ração por UF	Nomes das fábricas de ração para camarão
RN	1	Nutricil
CE	3	Fri-Ribe, Poli Nutri e Integralmix
PB	1	Aquavita
PE	4	Evalis, Irca, Guabi e MaltaClayton
GO	1	Supra
PI	1	Nutrial
<b>Total</b>	<b>11</b>	

Hoje, o número de plantas processadoras de camarão também está aquém das reais demandas do mercado interno. Segundo a ABCC, o País conta com 32 indústrias em condições de operação, inclusive para exportação, tendo sua concentração na região Nordeste do Brasil.

Estados	Beneficiamentos por UF	Nomes comerciais dos beneficiamentos
AL	1	Aqual
BA	2	Lusomar, Valença
CE	6	Cajucoco, MM Monteiro, Loyola, Compescal, Cina e Pesqueira Maguary
RN	9	Enseg, Enpell, Fal's, Aquaproducts, Costa Azul, Carmarnor, Produmar, Potiporã, Marine
PI	1	Secom
PB	1	Aquamaris
PE	5	Bramex, Netuno, Angramar, Maritimos Pescados e Qualimar
SC	7	Quality (só camarão) e ICAP, Inco pesca, Lago Pesca, Lapesca, Nutobrás, Pesqueira Oceânica (Pescados Geral)
<b>Total</b>	<b>32</b>	

Fonte: ABCC

climáticas naturais do Brasil sem agredir o meio ambiente e, sem sombras de dúvidas, contribuindo para a inclusão social. “Sempre sigo acreditando no desenvolvimento da produção aquícola brasileira, porque não vejo outro caminho para o aumento da produção de pescado e atendimento da sua crescente demanda nacional e mundial. O mundo precisa de pescado e daqui há alguns anos a China e Índia estarão comprando peixes de todos os países de-

tentores de potencial para a produção aquícola”, prevê. Especialmente, quando se leva em conta que em 2010, o consumo médio de pescado *per capita* no Brasil foi de apenas 8,15 kg/ano, comparado com 12 kg/ano recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e 17 kg/ano da média mundial. “Isso, sem falar que o consumo de carnes como bovinos, caprinos/ovinos e suínos foi de 53,15 kg/ano e de frango foi 44,5 kg/ano no Brasil em 2010”, acrescenta.

